



A IMPORTÂNCIA DA AGRICULTURA FAMILIAR NO CONTEXTO DO AGRONEGÓCIO CAFÉ EM RONDÔNIA

CALIXTO ROSA NETO; DANIELA GARCIA COLLARES;

EMBRAPA

PORTO VELHO - RO - BRASIL

calixto@cpafro.embrapa.br

APRESENTAÇÃO SEM PRESENÇA DE DEBATEDOR

AGRICULTURA FAMILIAR

A importância da agricultura familiar no contexto do agronegócio café em Rondônia

Grupo de Pesquisa: Agricultura familiar

RESUMO

Estudou-se os fatores condicionantes que interferem no processo de inserção dos pequenos agricultores no agronegócio café em Rondônia, partindo-se do pressuposto básico de que aspectos ligados ao modelo de produção utilizado por eles são os maiores limitantes para a sua consolidação. A revisão de literatura aborda as questões ligadas ao agronegócio café no Brasil e em Rondônia, ressaltando aspectos socioeconômicos, de produção e de comercialização. Utilizando o método do estudo de caso foram realizadas entrevistas com 122 produtores dos principais municípios produtores de café. Os resultados mostram que a atividade cafeeira no estado é explorada, predominantemente, por agricultores de base familiar, constituindo a base de sustentação econômica destes, e se caracteriza por apresentar baixos níveis tecnológicos que redundam em baixos preços e qualidade deficiente dos grãos, fazendo-se necessário estabelecer ações articuladas entre todos os atores envolvidos no negócio café (pesquisa, extensão, órgãos de financiamento, produtores, empresários etc.), visando garantir que o produto possa atingir os padrões de qualidade requeridos, de forma a ser competitivo tanto no mercado interno quanto externo.

1. INTRODUÇÃO

Dentro do contexto do agronegócio brasileiro, o café, não obstante os problemas enfrentados nos últimos anos, devido principalmente aos baixos preços praticados e pela falta de uma política mais consistente para o setor, assume posição de destaque, constituindo-se em uma das fontes de maior geração de emprego e renda familiar da economia agrícola, cumprindo importante função social. De acordo com Wedekin e Castro (1999) o café constitui-se no produto mais representativo do Brasil no século 20, haja vista ter financiado mais de meio século de industrialização e desenvolvimento do país.

Seis estados brasileiros¹ foram responsáveis por 98,5% do café produzido no país na safra 2005/2006. Rondônia ocupa a sexta posição nesse ranking, tendo produzido 1,7 milhões de sacas de café beneficiado na precitada safra, produção esta advinda da exploração da cultura por meio, principalmente, dos pequenos agricultores. Estima-se que cerca de 44.000 famílias tenha na atividade cafeeira a base da exploração econômica de suas propriedades. Não obstante esses números expressivos, o nível tecnológico empregado pelos produtores é baixo, fazendo com que o café produzido no estado não possua as características emblemáticas

desejadas de um bom café, fazendo com que possua pouca ou nenhuma expressão nos cenários do agronegócio café nacional e mundial.

Partindo do pressuposto básico de que aspectos de qualidade, a falta de padrões de comercialização, o baixo nível tecnológico dos produtores e a ausência de uma política mais concreta para o setor cafeeiro no estado, são fatores restritivos para a sua consolidação no âmbito do agronegócio café, este trabalho analisa os fatores condicionantes desse processo, com base em pesquisa exploratória, utilizando-se o método do estudo de caso, por intermédio de pesquisa realizada junto aos atores da produção rural, ou segmento “dentro da porteira”, por este constituir um dos elos mais críticos do agronegócio café em Rondônia e que exerce fundamental importância para que se possa alcançar níveis de competitividade em relação aos demais estados produtores do país.

2 . CARACTERIZAÇÃO DO AGRONEGÓCIO CAFÉ NO BRASIL

A atividade cafeeira no Brasil integra importante complexo agro-industrial-exportador, que faz do país um dos principais atores globais do setor, com produção estimada de 32,94 milhões de sacas de café beneficiado na safra 2005/2006 (CONAB, 2005), constituindo-se também em importante segmento exportador do agronegócio (TAB. 1), não obstante a acirrada concorrência que vem sofrendo de países produtores tradicionais, como Colômbia, Guatemala, México e Costa do Marfim, e outros menos tradicionais, como o Vietnã (LUNA-FILHO, 2002).

TABELA 1

Participação do café na Balança Comercial brasileira do agronegócio

BALANÇA	2005	2004	2003	2002	2001
Agronegócio(US\$ Milhões)	38.417	34.135	25.848	20.347	19.016

¹ De acordo com dados estimados da safra 2005/2006 (CONAB, 2005) os principais estados produtores de café do Brasil foram: Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Paraná, Bahia e Rondônia.

Café (US\$ Milhões)	2.879	2.025	1.516	1.362	1.393
Café (t)	1.428.877	1.481.863	1.432.080	1.607.464	1.307.655
Participação (%)*	7,49	5,93	5,86	5,48	5,84

* Refere-se à participação percentual em termos monetários

Fonte: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (2005)

Verifica-se, pelos dados da TAB. 1, uma gradativa recuperação do café na Balança Comercial do agronegócio brasileiro, notadamente a partir de 2004, com a recuperação do preço do produto no mercado internacional. Note-se que, embora os volumes exportados de 2003 a 2005 tenham sido inferiores ao de 2002, os valores recebidos foram crescentes, sendo que em 2005 a participação do café cresceu consideravelmente em relação aos últimos quatro anos.

Este crescimento se deve ao forte aumento da cotação do produto, que passou de um valor de US\$ 45 a US\$ 60 por saca de 60 kg em 2004, para pouco mais de US\$ 100 em 2005. Não fosse a valorização do real frente ao dólar, ocorrida no ano passado, certamente haveria um ganho bem mais significativo para o setor, cujo perfil é de pequenos produtores, haja vista que o café traz uma rentabilidade maior para pequenas áreas (CAFÉ VALORIZA..., 2006).

Essas oscilações no mercado do café são motivadas, principalmente, pelo comportamento do mercado externo, sendo, portanto, fortemente influenciadas por fatores cíclicos, daí a necessidade de se incrementar o consumo no mercado interno, que não tem apresentado aumentos significativos ao longo dos anos, embora o consumo interno tenha crescido 3,96% nos primeiros dez meses de 2005 em relação ao mesmo período de 2004. Este consumo, de 15,54 milhões de sacas, representa 13% de todo o consumo mundial de café. O consumo *per capita* é de 4,11 kg de café em pó torrado/moído, próximo dos padrões europeus e americano. Para o ano de 2006, a Associação Brasileira da Indústria de Café – ABIC - projeta o consumo de 16,5 milhões de sacas, representando uma evolução de 6%, dentro da meta de longo prazo que pretende alcançar 21 milhões de sacas em 2010.

Os fatores que explicam o crescimento do consumo de café no Brasil, na opinião da ABIC, continuam ligados não somente à melhora do poder de compra, mas, sobretudo, às ações de promoção do produto, melhoria de qualidade, com o estímulo aos cafés diferenciados e de alta qualidade, bem como ao novo Programa de Qualidade do Café - PQC. Campanhas institucionais patrocinadas pela ABIC, por outras organizações e pelo Conselho Deliberativo de Política Cafeeira - CDPC, e o aumento do investimento em marketing pelas empresas, completam um cenário de sustentação ao consumo de café.

O estímulo ao aumento do consumo de café também contou com a campanha "Café - O Ritmo do Brasil" criada pelo Grupo Gestor de Marketing do CDPC, com a participação de todos os setores que compõe o agronegócio café e membros do Ministério da Agricultura, coordenados pela SPC – Secretaria de Produção e Comercialização (ABIC, 2006).

Essas e outras medidas que vêm sendo adotadas, buscando a revitalização da cafeicultura no país, reforça a necessidade de se estabelecer um processo integrado entre os atores do negócio café, já que existe, ou pelo menos deveria existir, uma interdependência entre eles, e a ação de um, quer seja positiva ou negativa, certamente trará implicações para os demais agentes desta cadeia.

Conforme Zylbersztajn, Farina e Santos (1993), a cadeia do agronegócio do café engloba um conjunto de atores que envolve o produtor de insumos, o produtor rural, o maquinista, o corretor, a cooperativa, a indústria de torrefação e moagem, a indústria de café solúvel, os exportadores, atacadistas e varejistas.

Para Cortez (2002:1) “neste mercado existe uma forte dependência entre os produtores, os comerciantes e os industriais, visando atender aos desejos dos consumidores”. Wedekin e Castro (1999) reforçam tal condição deixando claro a necessidade desses agentes adotarem uma visão sistêmica de *agribusiness* e de entender o café como uma cadeia única, integrada, visando ampliar sua competitividade para gerar renda, riqueza e empregos.

Dessa forma, cada ator dessa cadeia, ou o conjunto deles, desempenha papel preponderante para que o negócio café como um todo possa se consolidar de forma efetiva.

2.1 . O agronegócio café em Rondônia

A cafeicultura em Rondônia constitui-se em uma das mais importantes atividades econômica e social do estado, proporcionando trabalho a mais de 80.000 pessoas e de cujo sucesso

dependem diretamente 44.000 famílias, a maioria delas de base familiar (CARTA...,2002). Na safra 2005/2006 o estado colheu 1,7 milhões de sacas de café beneficiado, constituindo-se no sexto maior produtor de café do Brasil e no segundo de café tipo Robusta, atrás apenas do Espírito Santo (CONAB, 2005).

Predomina no estado o plantio da cultivar Conilon (*Coffea canephora*), do grupo Robusta, que é uma variedade de clima quente e que possui boa adaptação às regiões mais baixas, como é o caso de Rondônia. Esse café responde por cerca de 27,7% da produção do Brasil² e é utilizado, principalmente, para a fabricação de cafés solúveis e nas misturas com arábica para a formação de ligas ou “blends”, podendo ainda ser usado para novas formas de consumo da bebida, como energéticos, frapês e *shaked-coffee* (CORTEZ, 2000)

Para esse autor o cultivo do café do grupo Robusta, como é o caso do Conilon, é uma opção agrícola interessante para as regiões de temperaturas médias anuais mais elevadas, cujas altitudes sejam inferiores a 600 m e não apresentem restrições de inverno frio, pois as regiões onde estão localizados os plantios dessa variedade possuem características de cultura pouco mecanizada, e, portanto, de forte uso de mão-de-obra humana (sendo fixadora do homem no campo), além de apresentar custo de produção mais baixo do que o cultivo do café Arábica e de atender todos os segmentos de comércio e consumo do agronegócio café.

Como restrições para o maior consumo do café Robusta o autor aponta a falta de um maior conhecimento tecnológico, tanto no cultivo como no comércio e na industrialização, apontando como principal problema na questão da produção a incidência da broca-do-café, a alta variabilidade do ponto de colheita e deficiências no processo de secagem e preparo do produto, e, no caso da industrialização, o uso de técnicas erradas, fatores que, no seu conjunto, contribuem para a má imagem que ele apresenta no setor cafeeiro.

² De acordo com os dados da safra 2005/2006, divulgados pela Conab, o Espírito Santo respondeu por cerca de 65,9% do café Conilon produzido no País, seguido de Rondônia com 19,4%. Mato Grosso, Pará, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais e outros completam os 14,7% restantes.

Embora Rondônia apresente produção expressiva de café Robusta, o sistema de cultivo predominante caracteriza-se por pouca inovação tecnológica e baixo uso de insumos, que comprometem a quantidade e qualidade do café produzido. Veneziano (1996) apresenta como fatores limitantes do desenvolvimento da cafeicultura no estado os solos³, as doenças, principalmente a ferrugem do cafeeiro (*Hemileia vastatrix*), as pragas, com destaque para a broca-do-café (*Hypothenemus hampei*), a mão-de-obra e a comercialização.

O autor considera a comercialização um dos fatores limitantes mais importantes e que merece maior atenção por parte de toda a cadeia produtiva do café no estado, acrescentando que:

A distância dos grandes centros de consumo, industrialização e exportação; a falta de associações forte (cooperativas) para padronizar e colocar o café no mercado interestadual e internacional; a falta de linhas especiais de crédito

para comercialização; a má qualidade do produto; a armazenagem deficiente e o desconhecimento do mercado de café pelos produtores, são fatores que dificultam a comercialização e contribuem para que os preços obtidos pelo produto sejam inferiores aos alcançados em outras regiões produtoras do país (VENEZIANO, 1996:11).

Dentre esses fatores, a qualidade final do produto, por influenciar em grande parte os demais, vem sendo a principal preocupação dos atores do agronegócio café no estado. Em depoimento à revista Cafeicultura (EM BUSCA DA QUALIDADE, 2002). José Iovando Teixeira, Coordenador da Câmara Setorial do Café em Rondônia, observa que o fato do estado ser a região produtora de Robusta mais distante do oceano em todo o mundo garante características particulares ao seu café, pois este geralmente é bebida dura e teoricamente possui as mesmas chances de alcançar boa qualidade como qualquer café do Brasil ou do mundo.

Entretanto, ele considera que o estado ainda está muito atrasado na questão da qualidade, pois os métodos adotados pela maioria dos produtores prejudicam a qualidade final do produto, uma vez que, devido ao clima quente e úmido, o processo de fermentação é muito alto, devendo por isso ser colhido no momento certo e observar os procedimentos corretos de pós-colheita e preparo.

Não obstante tais dificuldades, a constituição da Câmara Setorial do Café, em novembro de 2000, permitiu a criação e o registro da marca “Café de Rondônia” – café tipo 6, peneira 14 e acima⁴ - e sua inserção no programa de certificação de origem do “Cafés do Brasil”⁵.

³ De acordo com Veneziano (1996) embora grande parte da cafeicultura do estado esteja instalada em solos Podzólicos, com fertilidade média e alta e com boas características físicas, encontram-se lavouras em solos com sérias limitações, tanto sob o aspecto físico como químico, fazendo com que a viabilidade econômica da cultura do café nesses solos mais pobres dependa muito da relação entre o preço do produto e os preços dos insumos utilizados.

⁴ Com relação ao seu tamanho ou peneira, como são mais chamadas, as favas são qualificadas segundo as dimensões dos crivos das peneiras oficiais que as retenham. Estas peneiras são designadas por números, os quais divididos por 64, fornecem a indicação do tamanho dos frutos, expressos em frações. Já o tipo do café está associado ao número de defeitos que este apresenta em uma amostra de 300 gramas de café beneficiado.

⁵ O Programa “Cafés do Brasil” é responsável pelas ações de marketing visando o aumento do consumo de café no país e de promover o produto internacionalmente, por meio da participação em feiras, congressos etc. O objetivo maior é divulgar a história do café, reforçando sua importância social e econômica para o país e para as regiões onde é produzido, além de ressaltar as qualidades do café produzido em cada uma dessas regiões, retratadas por meio da mensagem “Cafés do Brasil: um país, muitos sabores”.

Entretanto, para que se cheque a este padrão de qualidade, será necessário conseguir avanços, principalmente dentro das unidades de produção, com foco na melhoria da qualidade do produto.

O processo de comercialização também está diretamente relacionado com a qualidade do café vendido. Atualmente, existem cerca de três indústrias em Rondônia que fazem o rebeneficiamento do café. Entretanto, na maioria das vezes, cerca de 80% do produto segue bica corrida⁶, principalmente para o Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, onde é realizado o rebeneficiamento e onde são consumidos os resíduos. O café classificado para exportação segue para o porto de Paranaguá (EM BUSCA DA QUALIDADE, 2002)

3. METODOLOGIA

Dentro das diferentes classificações dos tipos de pesquisa que têm sido adotadas por diversos autores da área, este trabalho pode ser classificado como sendo do tipo exploratório.

Conforme Mattar (1994) a pesquisa exploratória caracteriza-se por proporcionar ao pesquisador um maior conhecimento sobre o tema ou problema que se deseja pesquisar, sendo apropriada para os estágios iniciais da investigação, quando o pesquisador não tem a compreensão e o conhecimento adequados do fenômeno que quer investigar.

Dentre os métodos empregados pela pesquisa exploratória, utilizou-se o do estudo de caso, que se caracteriza como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Os recursos se vêem concentrados no caso visado, não estando o estudo submetido às restrições ligadas à comparação do caso com outros casos (GODOY, 1995). De acordo com o autor, esse tipo de pesquisa visa o exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de um situação em particular. Tem por objetivo proporcionar vivência da realidade por meio da discussão, análise e tentativa de solução de um problema extraído da vida real. Seu propósito é analisar intensivamente uma dada unidade social, sendo possível optar pelo estudo de situações típicas (similares a muitas outras do mesmo tipo) ou não usuais (casos excepcionais).

Assim como outros métodos comumente utilizados em pesquisa, o estudo de caso apresenta vantagens e limitações. Gil (1988) destaca como principais vantagens do emprego desse método o fato deste (a) possibilitar o estímulo a novas descobertas, (b) dar ênfase na totalidade - permitindo ao pesquisador voltar-se para a multiplicidade de dimensões de um problema, focalizando-o como um todo - e, (c) a simplicidade dos procedimentos de coleta e análise dos dados quando comparados com os exigidos por outros tipos de delineamento.

Quanto às limitações, destaca-se o seu caráter particularizante, daí a dificuldade de generalização dos resultados obtidos, não obstante esse gênero de caso autorizar certas generalizações empíricas (BRUYNE et al. 1991).

Desta forma, ainda que o estudo de caso examine em profundidade alguns aspectos da unidade de análise, e não o todo, o cerne da questão não é o caso em si, mas aquilo que ele sugere a respeito do todo (CASTRO, 1977).

⁶ Dá-se o nome de bica corrida ao café que não é separado por peneiras, sendo classificado apenas pelo tipo.



3.1 – Objetivo Geral

Conhecer e analisar as perspectivas do agronegócio café em Rondônia no contexto dos produtores de base familiar, visando identificar os gargalos existentes no processo e propor estratégias de ação para a sua consolidação no estado.

3.2 – Objetivos específicos

- 1) Caracterizar o nível tecnológico dos produtores de café em Rondônia, bem como sua importância para a consolidação do “Café de Rondônia” no mercado;
- 2) Verificar o grau de interação existente entre os agentes da produção e do setor industrial do agronegócio café em Rondônia;
- 3) Identificar as estratégias adequadas para que o café produzido no estado possa atender a padrões de qualidade adequados às exigências de mercado.

3.3 – Pressuposto básico

Os aspectos de qualidade, a falta de padrões de comercialização, o baixo nível tecnológico dos produtores e a falta de uma política consistente para o setor cafeeiro no estado, são fatores restritivos para a inserção de forma competitiva do “Café de Rondônia” no cenário nacional e internacional, de forma a propiciar maior rentabilidade para os produtores envolvidos na atividade.

3.4 - O universo e a amostra

O universo desta pesquisa está representado por produtores de café do estado de Rondônia, tendo sido determinado um processo de amostragem não probabilística intencional com 122 cafeicultores dos 10 principais municípios produtores de café do estado⁷, por meio da aplicação - utilizando-se entrevistadores - de questionários estruturados.

Por se tratar de um estudo exploratório, utilizando uma pequena amostra, não foram utilizados procedimentos estatísticos no sentido de mensurar a confiabilidade dos resultados, podendo-se considerar que os mesmos são meramente indicativos. De acordo com Bruyne et al. (1991:217-218) “... esse tipo de amostra é empregado, por razões de economia e facilidade, em estudos exploratórios ou para investigação com testemunhas privilegiadas, indivíduos ‘típicos’ etc.”

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Análises empíricas que vêm sendo feitas por especialistas em cafeicultura no estado, indicam que um dos principais problemas enfrentados pela atividade, no seu todo, e que reflete na sua baixa competitividade, relaciona-se com as unidades de produção, ou seja, a propriedade rural. Diante desse contexto, a pesquisa realizada procurou identificar o perfil dos produtores de café e os reais problemas enfrentados por estes em relação à atividade, bem como suas intenções e perspectivas futuras, pois certamente este é um elo fundamental da cadeia do agronegócio café e que exerce influência sobre os demais, dada sua interface com eles.

Primeiramente, procurou-se caracterizar o perfil dos produtores entrevistados, em termos de idade e nível de escolaridade, fatores que, certamente, influenciam o processo decisório de adoção de novas tecnologias, práticas e processos agropecuários. A média de idade dos produtores entrevistados é relativamente alta (48,51 anos) e o nível de escolaridade baixo, pois 27,9% declararam ser somente alfabetizados e 46,7% disseram ter cursado entre a 1ª e 4ª série do ensino fundamental. Outro aspecto a ser considerado é que menores níveis de escolaridade estão relacionados a uma maior média de idade. (TAB. 2). Esse baixo nível de escolaridade pode ser fator limitante para o processo de aprendizagem desses produtores, pois conforme observado por Lacki (1999), a falta de conhecimentos, reflexo da inadequada formação e capacitação dos agricultores, constitui-se no principal obstáculo para que estes utilizem técnicas mais adequadas no processo produtivo.

⁷ Os municípios onde estão localizadas as propriedades dos produtores entrevistados são: Machadinho d'Oeste, Alto Paraíso, Ouro Preto d'Oeste, Mirante da Serra, Nova União, Vale do Paraíso, Rolim de Moura, Cacoal, Alta Floresta e São Miguel do Guaporé.

TABELA 2

Nível de escolaridade x média de idade dos produtores entrevistados

Escolaridade	Freq. (%)	Média de idade
Analfabeto	2,5	53,67
Alfabetizado	27,9	56,18
1ª a 4ª série do ensino fundamental	46,7	46,85
5ª a 8ª série do ensino fundamental	15,6	41,47
Ensino médio incompleto	2,5	38,67
Ensino médio completo	4,1	39,00
Nível superior completo	0,8	52,00
TOTAL	100	48,61

Fonte: Dados de pesquisa

]

Os aspectos relacionados às características de produção mostram que a prática da cafeicultura no estado é baseada na agricultura familiar, sendo que cerca de 90% das propriedades dos produtores entrevistados possuem áreas de até 100 ha, com área média explorada com a cultura de 12,5 ha. e produtividade média de 16 sacas de café beneficiado por ha. Entretanto, não se verifica uma relação proporcional entre tamanho de área com área plantada, como seria de se esperar. O que se observa, conforme mostra o GRAF. 1 é que quanto menor a área da propriedade, maior é o plantio de café, mesmo porque os produtores que possuem lotes maiores têm a tendência de ocupá-los mais com a exploração da pecuária.

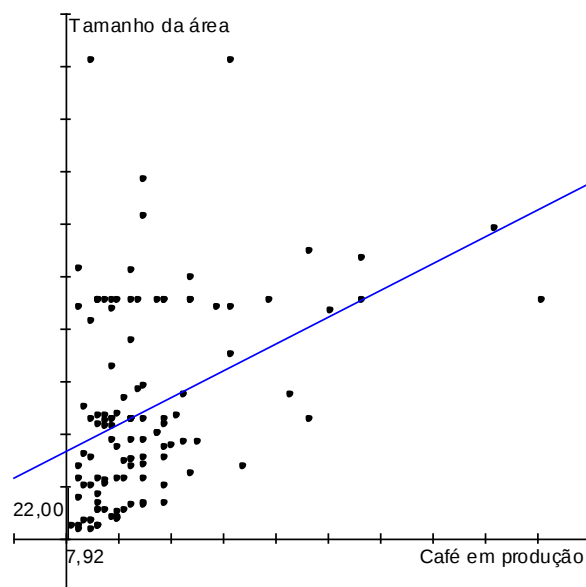


GRÁFICO 1: Correlação tamanho da área x café em produção

Fonte: Dados de pesquisa

Obs; O gráfico exibe os 119 pontos de coordenadas café em produção x tamanho da área.

Dois outros pontos devem ser destacados: o primeiro é o fato da mão-de-obra utilizada na atividade cafeeira ser predominantemente familiar, conforme mostra a TAB. 3.

TABELA 3
Característica da mão-de-obra utilizada na atividade cafeeira

Tipo da mão-de-obra	Qt. cit.	Freq. (%)
Familiar	68	55,7
Familiar e contratada	32	26,2
Familiar e meeiro	10	8,3
Contratada	6	5,0
Meeiro	2	1,6
Contratada e meeiro	2	1,6
Familiar, contratada e meeiro	2	1,6
Total de observações	122	100,0

Fonte: Dados de pesquisa

O segundo aspecto relevante é a importância da cultura na formação da renda da propriedade, significando, na média dos 119 produtores entrevistados, cujo café está em produção, 58,43% de participação do total arrecadado em relação à atividade agropecuária como um todo, sendo que, para 67,2% o café responde com mais de 50% dessa renda (GRAF.2).

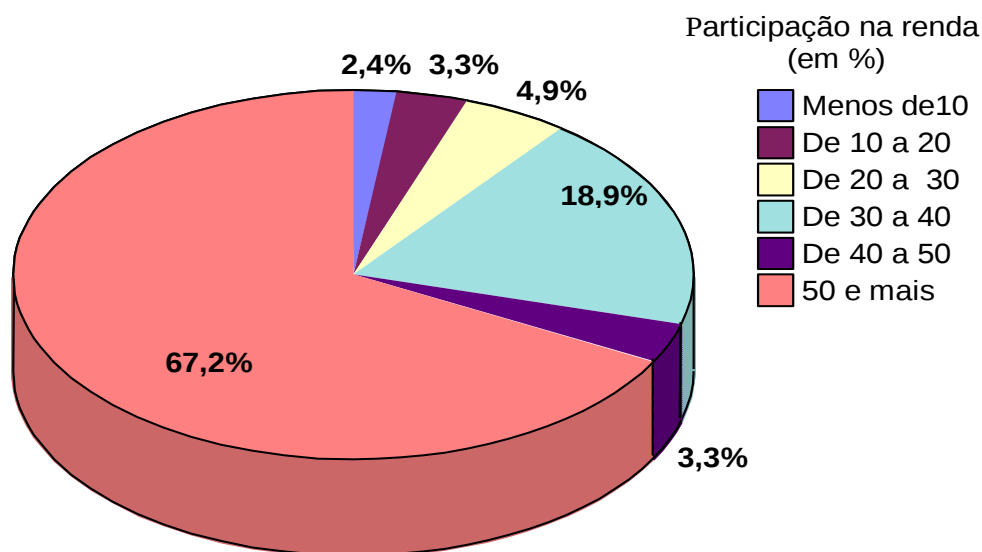


GRÁFICO 2: Participação do café na renda do lote
Fonte: Dados de pesquisa de 119 observações

Tais dados mostram a importância da cafeicultura para a sustentabilidade da agricultura familiar no estado, o que reforça a necessidade de definição de políticas públicas para o setor, disponibilização de tecnologias apropriadas, assistência técnica, crédito rural e demanda por seus produtos, tanto em nível local como para exportação, conforme preconizado por Campos (2003).

Considerando que a maior ou menor eficiência do processo de produção está relacionado com o nível tecnológico dos produtores, o estudo procurou comparar as práticas e processos utilizados por estes com o preconizado por trabalhos de pesquisa e de extensão com café no estado.

O primeiro aspecto a ser destacado é a qualidade das sementes utilizadas no plantio, fator importante na obtenção de cafezais mais produtivos. A propagação ainda é predominantemente feita por sementes, e produzidas, na sua maioria (TAB. 4), na própria propriedade, o que certamente compromete o padrão de qualidade dessas mudas, haja vista a possibilidade de haver cruzamentos, comprometendo o nível de pureza do material utilizado.

TABELA 4
Forma de produção das mudas de café utilizadas no plantio

Origem das mudas	Qt. cit.	Freq. (%)
Produzidas na propriedade	104	85,2
Adquiridas de viveiristas	31	25,4
Doadas por órgãos do governo	5	4,1
Adquiridas de vizinhos	2	1,6
Produzidas comunitariamente	6	4,9
Total de observações	122	

Fonte: Dados de pesquisa
Respostas múltiplas

Outra questão que deve ser observada é o espaçamento utilizado pelos produtores. De acordo com Fernandes (2001) o espaçamento recomendado para a variedade Conilon, que representa cerca de 98% da área plantada dentre os 122 produtores entrevistados, é de 4,0mx1,0m a 2,0m no cultivo tradicional e de 3,0 mx1,0 a 2,0m no cultivo adensado. Entretanto, os dados coletados revelam que são utilizados, no âmbito da amostra, 34 diferentes espaçamentos, com destaque para os espaçamentos 3,0mx2,0m, 4,0mx1,0m e 3,0mx3,0m, com frequência de 16,3%, 12,4% e 10,9% respectivamente. Tal discrepância pode indicar uma falha no processo de transferência de tecnologias e/ou de orientação técnica por parte da extensão rural, que talvez possa ser explicada pelo fato de 71% dos entrevistados não terem recebido a visita de técnicos da extensão rural no ano de 2005. Além disso, 74% afirmaram não ter participado de qualquer evento (dias de campo, palestras, seminários etc.) ligado à cafeicultura no período de 2003 a 2005.

Chama a atenção também o fato de que 90% dos produtores não fazem controle escrito da produção e 42% não sabem o seu custo de produção, revelando a precariedade no processo de administração da propriedade, fator que também pode ser considerado como limitante para a sua qualificação e que está diretamente relacionado à obtenção de um produto de melhor qualidade, dificultando ainda a articulação desses produtores com o mercado. “A saída consiste na aplicação de políticas de caráter social, de subsídio mesmo, para assistir os nichos rurais atrasados e integrá-los às cadeias” (PINAZZA E ALIMANDRO, 1999:39).

Com relação aos tratos culturais destacam-se o alto uso de herbicidas (capina química) e a utilização da prática da desbrota. Em contrapartida apenas 35 produtores adubam seu cafezal

e somente dois utilizam a técnica de recepa, importante fator de renovação das lavouras mais antigas. (TAB. 5).

TABELA 5
Tratos culturais utilizados pelos produtores entrevistados

Tratos culturais	Qt. cit.	Freq.
Capina manual	107	87,7%
Capina mecânica	26	21,3%
Capina com tração animal	12	9,8%
Capina química	100	82,0%
Uso de defensivos (inseticidas, fungicidas)	64	52,5%
Adubação	35	28,7%
Poda	73	59,8%
Desbrota	108	88,5%
Recepa	2	1,6%
Total de observações	122	

Fonte: Dados de pesquisa

Obs: Respostas múltiplas

De acordo com a caracterização tecnológica estabelecida por Zylberstajn, Farina e Santos (1993), os produtores estudados enquadram-se no perfil de média e baixa tecnologia, com preponderância deste último, conforme se pode verificar pelos dados apresentados na precitada TAB. 5.

Por se constituir em elemento importante no processo de obtenção de conhecimento por parte do produtor, a variável informação também foi investigada. Procurou-se conhecer os canais de comunicação mais utilizados pelos produtores, bem como as principais demandas com relação à cafeicultura. Os principais meios de informação citados pelos produtores com relação ao assunto café foram: programas de TV, com 68% de citação; técnicos da extensão, com 54,1%; reuniões na comunidade, com 39,3%; vizinhos, com 31,1%; e, cerealistas e dias de campo com 25,4% cada um (TAB. 6).

As informações mais frequentes em relação à atividade cafeeira, de acordo com os entrevistados, são: controle de pragas e doenças (principalmente broca-do-café), com 50,8% das citações, secagem (44,3%) e colheita (31,1%) e nas quais eles têm mais carência foram citadas controle de pragas e doenças (63,9%), mercado do café (56,6%) e secagem (41%). A maior demanda observada em relação a pragas e doenças, notadamente a broca-do-café, reflete a grande preocupação que existe, por parte dos produtores, em relação ao seu controle, já que ela é considerada a principal praga do cafeeiro, em virtude dos prejuízos que causa à lavoura. De acordo com Costa, Silva e Ribeiro (2000:65) “as condições climáticas da região favorecem o desenvolvimento do inseto [...], provocando danos severos, como a redução do peso dos grãos e também prejudicando a comercialização por depreciar o tipo de café”.

TABELA 6
Principais meios de informações utilizados pelos produtores

Sistema de informações	Qt. Citada	Frequência
Programas de TV	83	68,0%
Técnicos da extensão (Emater, Ceplac)	66	54,1%
Reuniões na comunidade	48	39,3%
Vizinhos	38	31,1%
Dias de campo	31	25,4%
Cerealista	31	25,4%
Técnicos da Embrapa	21	17,2%
Técnicos de casas agropecuárias	20	16,4%
Programas de rádio	20	16,4%
Treinamento (cursos, palestras)	14	11,5%
Total de observações	122	

Fonte: dados de pesquisa

Obs: Respostas múltiplas

A variável qualidade também foi mensurada, mostrando ser a mais crítica e que maior atenção requer dos órgãos envolvidos no processo de desenvolvimento da cafeicultura, pois se constitui em condição essencial para que o café produzido no estado possa ser competitivo.

Com base em orientações técnicas oriundas de trabalhos de pesquisa, verificou-se os cuidados observados pelos produtores no processo de colheita, sendo constatado que algumas recomendações não são totalmente seguidas por eles (TAB. 7), sob a alegação, principalmente, de falta de recursos financeiros e de assistência técnica para colocá-las em prática.

TABELA 7
Cuidados na colheita que são observados e praticados pelos produtores entrevistados

Cuidados na colheita	Qt. citada	Freq. (%)
Evita quebrar muitas folhas ou quebrar ramos da planta	117	95,9
Faz a colheita por derriça no pano	117	95,9
Evita deixar frutos na planta ou no solo após a colheita	109	89,3
Esparrama o café no terreiro em camada de 5 cm de espessura, mexendo-o com rodo de madeira de 2 em 2 horas	66	54,1
Faz a colheita na época certa	58	47,5
Transporta sempre o café para o terreiro no mesmo dia da colheita	45	36,9
Usa sempre sacos de aniagem para transportar o café colhido	43	35,2
Faz a colheita em várias épocas	15	12,3
Ensaca separadamente o café de varrição	05	4,1
Total de observações	122	

Fonte: dados de pesquisa

Obs: Respostas múltiplas

Outro ponto a ser destacado é que 64,8% dos produtores entrevistados ainda utilizam terreiro de chão batido para secar o café, fator que compromete a qualidade do produto final, conforme pode-se verificar pela classificação obtida quando da venda do produto, já que somente seis produtores (4,9%) afirmaram que o café por eles comercializado tinha até 100 defeitos, o que vai de encontro ao estabelecido pela Câmara Setorial, que é o de um café tipo 6 (até 86 defeitos). Ainda que o processo inadequado de secagem não seja o único fator responsável por essa classificação fora dos padrões exigidos, contribui em grande parte para que isso ocorra.

Quanto aos aspectos de comercialização, esta é feita, basicamente, junto a pequenos cerealistas, que são responsáveis por 91,8% das compras efetuadas dos produtores entrevistados, sendo que em 62,6% dos casos o produto é retirado na propriedade pelo próprio comprador. Vale ressaltar que essa relação entre produtor e cerealista gera alguns conflitos, principalmente porque, em determinadas situações, o comprador adianta determinado valor ao produtor e, se há falta do produto no mercado por ocasião da colheita, como tem acontecido na atual safra, obriga-o a entregar o produto ainda verde, afetando a produtividade e, principalmente, a qualidade final do café e, conseqüentemente, o preço que este irá receber pelo produto. Configura-se, no caso estudado, a relação comumente desfavorável aos agentes situados nas unidades de produção, em relação ao segmento industrial, conforme observado por Pinazza e Alimandro (1999), ao referirem-se à pressão de venda exercida pelo setor situado depois da porteira para cumprir seus programas de venda e faturamento.

Não obstante as dificuldades observadas nas unidades de produção, a pesquisa realizada constatou que existe certo comprometimento e interesse por parte dos produtores em implementar melhorias tecnológicas que lhes permitam ser mais competitivos. Nesse sentido, 79,5% dos produtores afirmaram que pretendem melhorar a qualidade do produto, visando a obtenção de melhor preço (TAB. 8). E essa melhoria, de acordo com esses mesmos produtores, envolve tanto aspectos de produção, como por exemplo adubação e prática de receita, como do processo de colheita, secagem e preparo do café.

TABELA 8
Perspectivas dos produtores quanto ao futuro da atividade

Futuro da atividade	Qt. Citada	Frequência
Melhorar a qualidade para obtenção de melhor preço	97	79,5%
Melhorar a tecnologia e aumentar a produção	73	59,8%
Continuar como está	10	8,2%
Reduzir a produção	04	3,3%
Abandonar a atividade	04	3,3%
Melhorar se houver reação positiva do preço	02	1,6%
Total de observações	122	

Fonte: Dados de pesquisa

Obs: Respostas múltiplas

Os principais problemas relatados pelos produtores com relação à atividade cafeeira estão relacionados ao acesso a crédito, assistência técnica, alto custo dos insumos e mão-de-obra.

5. CONCLUSÃO

A revisão da literatura que norteou o embasamento teórico deste trabalho procurou mostrar a importância socioeconômica da cafeicultura no contexto do agronegócio brasileiro e de Rondônia, estando presente como atividade agropecuária em praticamente metade dos estabelecimentos rurais existentes no estado - em sua maioria de base familiar - que foi o sexto maior produtor de café do Brasil na safra 2005/2006.

Embora tenha experimentado um crescimento expressivo, em termos quantitativos, nas três últimas décadas, passando de uma área cultivada de pouco mais de 2.000 ha em 1975 para cerca de 172.000 ha em 2005, a atividade cafeeira não teve o mesmo desempenho quando se analisa os aspectos de manejo da cultura e qualidade final do produto, devido principalmente à ausência de um processo planejado de implementação das lavouras, uso de cultivares que não se adaptaram bem às condições ecológicas locais, baixo nível tecnológico dos produtores e falta de uma política consistente para o setor.

Partindo do pressuposto básico de que a consolidação do agronegócio café no estado está diretamente relacionado com o nível tecnológico dos produtores, com o uso de materiais mais produtivos e com técnicas adequadas de secagem e preparo do café, este trabalho buscou identificar, junto aos produtores, os fatores determinantes para a competitividade do agronegócio café em Rondônia, haja vista que este setor pode ser considerado como fator crítico de sucesso para que o produto daí oriundo tenha a qualidade desejada e necessária para que se obtenha ganhos significativos, de forma a permitir que toda a cadeia do café possa estar integrada e ser competitiva no contexto da cafeicultura nacional e mundial.

Os resultados obtidos pela pesquisa realizada com 122 produtores de café indicam a necessidade de ações integradas por parte de todos os atores que integram o agronegócio café em Rondônia, principalmente por meio do estabelecimento de políticas públicas, de acesso a crédito e de um trabalho coordenado entre pesquisa e extensão, no sentido de que materiais mais produtivos, práticas adequadas de cultivo e manejo da cultura, de secagem e de preparo do produto e de comercialização possam ser apropriados, no seu conjunto, pelos agentes da produção rural, sem o qual dificilmente o agronegócio café do estado poderá se consolidar e ser competitivo nesses tempos de globalização da economia.

A conjugação desses fatores torna-se essencial para que a economia cafeeira do estado amplie sua competitividade para gerar renda, riqueza e empregos. Para isso faz-se necessário adotar uma visão sistêmica de agribusiness e de entender o café como uma cadeia única, integrada. E isso implica em se adotar um visão de convergência de interesses nas relações da cadeia em detrimento da tradicional visão de conflito que se vê no cotidiano dos negócios, visando estabelecer parâmetros mais claros e adequados entre os seus diversos atores.

Como limitações desta pesquisa, ressalta-se que os resultados apresentados, diante do universo a ser pesquisado, limitam-se à amostra utilizada, devendo as generalizações a respeito dos resultados ser realizada com certa precaução.

Tratando-se de um estudo exploratório, objetivou o levantamento de informações que pudessem indicar alguns direcionamentos para a inserção, de forma competitiva, dos

pequenos agricultores no contexto do agronegócio café em Rondônia. Sugere-se, portanto, que novos estudos sejam realizados, enfocando cada agente individualmente na cadeia do agronegócio do café, de forma a identificar a contribuição de cada um deles no processo de fortalecimento da cafeicultura rondoniense e sua inserção de forma competitiva no cenário nacional e internacional.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIC – Associação Brasileira da Indústria do Café. **Indicadores da indústria de café no Brasil**. Disponível em <http://www.abic.com.br/estatisticas.html>. Acesso em 24 mar./2006.

BOLETIM PECUÁRIO. **Consumo interno de café deve elevar-se**. Disponível em <http://www.boletimpecuario.com.br/noticias>. Acesso em 11. Mar. 2003.

BRUYNE, P. et al. **Dinâmica de pesquisa em ciências sociais**. 5^a ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

CAFÉ VALORIZA MAIS DE 70% EM UM ANO. **Folha de Londrina**, 06 mar./2006. Disponível em http://www.abic.com.br/asp/noticias_noticia.asp?cod=2324. Acesso em 24 mar./2006.

CAMPOS, I.S. **Agricultura familiar**: da subsistência ao agronegócio. Disponível em <http://www.boletimpecuario.com.br/noticias>. Acesso em 21.mar. 2003.

CARTA DE JI-PARANÁ, RONDÔNIA, BRASIL. Caminhos para a revitalização do agronegócio do café na Amazônia. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO**

AGRONEGÓCIO CAFÉ NA AMAZÔNIA, 1, 2002. Ji-Paraná. Anais... Ji-Paraná: Embrapa, IICA/PROCITRÓPICOS. (Anais em CD ROM).

CASTRO, C.M. **A prática da pesquisa**. São Paulo: McGraw-Hill, 1977.

CONAB. **Safra café 2005/2006**. 4^a estimativa, dez. 2005. Disponível em <http://conab.gov.br>. Acesso em: 23 mar. 2006.

CORTEZ, J.C. A qualidade do café Robusta. In: **SEMINÁRIO “PERSPECTIVAS DA CULTURA DO CAFÉ NA AMAZÔNIA”**, 1, 2000, Ji-Paraná. Anais... Ji-Paraná: Embrapa Rondônia, Sebrae, 2000. p. 37-39.

CORTEZ, J.C. Métodos de colheita e processamento do café. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO AGRONEGÓCIO CAFÉ NA AMAZÔNIA**, 1, 2002. Ji-Paraná. Anais... Ji-Paraná: Embrapa, IICA/PROCITRÓPICOS. (Anais em CD ROM)

COSTA, J.N.M., SILVA, R.B. da., RIBEIRO, P de A. Controle integrado da broca-do-café (*Hypothenemus hampei*) em Rondônia. In: **SEMINÁRIO “PERSPECTIVAS DA**

CULTURA DO CAFÉ NA AMAZÔNIA”, 1, 2000, Ji-Paraná. Anais... Ji-Paraná: Embrapa Rondônia, Sebrae, 2000. p. 65-69.



EM BUSCA DA QUALIDADE. **Cafeicultura**: a revista do cafeicultor. Agência Impacto Patrocínio Ltda. Patrocínio, ano 1, nº 4, p.21, nov./2002.

FERNANDES, S.R. **Condução da lavoura cafeeira**. Porto Velho: Embrapa Rondônia, 2001. 1 folder.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1988.

GODOY, A.S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, nº 3, p. 20-29, maio/jun. 1995

LACKI, P. O que pedem os agricultores e o que podem os governos: mendigar dependência ou proporcionar emancipação? **Cadernos de Ciência e Tecnologia**. Brasília: Embrapa, v. 16, nº 2, p.157-162, maio/ago. 1999.

LUNA-FILHO, E.P. **Cafés do Brasil e indicações geográficas**. Disponível em <<http://www.coffebreak.com.br/ocafezal.asp>>. Acesso em 22 maio 2002

MATTAR, F.N. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Atlas, 1994. vol 1.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **Balança do agronegócio**, 2005. Disponível em <<http://agricultura.gov.br>>. Acesso em: 24 mar./2006.

PINAZZA, L.A., ALIMANDRO, R. (Org.) **Reestruturação no agribusiness brasileiro**: agronegócio no terceiro milênio. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Agribusiness, 1999. Cap. 4. A segmentação da agricultura, p. 35-41.

VENEZIANO, W. **Cafeicultura em Rondônia**: situação atual e perspectivas. Porto Velho: Embrapa-CPAF-Rondônia, 1996. 24 p. (Embrapa-CPAF-Rondônia. Documentos, 30).

WEDEKIN, I., CASTRO. P.R. de. Gestão do agribusiness na perspectiva 21. In: PINAZZA, L.A., ALIMANDRO, R. (Org.) **Reestruturação no agribusiness brasileiro**: agronegócios no terceiro milênio. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Agribusiness, 1999. p. 111-135.

ZYLBERSTAJN, D., FARINA. E.M.M.Q., SANTOS, R. da C. **O sistema agroindustrial do café**. Porto Alegre: Ortiz, 1993. 277 p.